

SIMPÓSIO AT178

BAKHTIN E A ECOLINGUÍSTICA COMO BASES TEÓRICAS PARA UM ESTUDO SOBRE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS À LIBRAS

COVEZZI, Marta Maria
UFMT
martacovezzi@hotmail.com

PADILHA, Simone de Jesus
UFMT
simonejp1@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa pretende contribuir com os estudos sobre a constituição da Libras, aprofundando os conhecimentos sobre as heranças de origem francesa. Propomo-nos a investigar as línguas em contato Língua Francesa Oralizada - LFO, a Língua de Sinais Francesa - LSF e a Libras, tendo como objetivo geral investigar os empréstimos linguísticos nas relações entre línguas orais e línguas de sinais. Trata-se de pesquisa qualitativa fundamentada nos princípios do método indiciário (Ginzburg, 1989), centrado nos resíduos tomados como pistas. Fundamentamo-nos em teorias holísticas de linguagem: a abordagem enunciativo-discursiva dos Estudos Bakhtinianos em diálogo com conceitos da Ecolinguística. Os conceitos bakhtinianos básicos mobilizados são a linguagem como interação, enunciado concreto, dialogismo; e a Ecologia Fundamental da Língua e o contato de línguas, na Ecolinguística. Conforme registros, o contato inicial da Libras com a LSF ocorreu a partir da criação do Collégio Nacional para Surdos-Mudos, atual INES, em 1857, no Rio de Janeiro, institucionalizando a língua de sinais no Brasil. Este estudo do diálogo entre línguas, subsidiado pelo contato de línguas atrelado à teoria bakhtiniana, nos dá indícios de um provável caminho dos sinais de herança francesa. Este estudo vincula-se ao Grupo Relendo Bakhtin - REBAK/PPGEL/UFMT.

Palavras-chave: Empréstimos linguísticos; Libras/LSF/LFO; Estudos Bakhtinianos/Ecolinguística

Abstract: This research intends to contribute with the studies on the constitution of the Libras, deepening the knowledge about the inheritances of French origin. We propose to investigate the languages in contact Oralized French Language - LFO, the French Sign Language - FSL and the Libras, with the general aim to investigate the linguistic loans in the relations between oral languages and sign languages. It is a qualitative research based on the principles of the indicial method (Ginzburg, 1989), centered on the residues taken as clues. We base ourselves on holistic theories of language: the enunciative-discursive approach of the Bakhtinian Studies in dialogue with the Ecolinguistics concepts. The basic Bakhtinian concepts mobilized are language as interaction, concrete utterance, dialogism; and the Fundamental Ecology of Language and the contact of languages, in Ecolinguistics. According to records, the initial contact of Libras with the FSL occurred after the creation of the National College for the Deaf-

Mutes, current INES, in 1857, in Rio de Janeiro, institutionalizing sign language in Brazil. This study of the dialogue between languages, subsidized by the contact of languages linked to the Bakhtinian theory, gives us indications of a probable path of signs of French heritage. This study is linked to *Relendo Bakhtin* Group - REBAK / PPGEL / UFMT.

Introdução

Esta investigação tem a intenção de contribuir com a discussão a respeito da constituição da língua de sinais no Brasil, investigando especificamente os empréstimos linguísticos de origem francesa. Como nossa intenção é estudar essas heranças na Língua Brasileira de Sinais – Libras, considerando não o léxico como uma unidade linguística isolada, mas os sinais da Libras e da LSF em seu contexto sócio-histórico cultural, conduziremos esta pesquisa por teorias que se fundam em concepções holísticas da linguagem: os conceitos dos estudos bakhtinianos de linguagem, em diálogo com a abordagem da Ecolinguística pela proximidade entre seus conceitos essenciais sobre a linguagem.

1. Bases teóricas

Einar Haugen, ([1970] 2016, p. 58) define a Ecolinguística como o *estudo das interações entre qualquer língua dada e seu meio ambiente*, entendendo por meio ambiente da língua a sociedade que faz uso dela como um de seus códigos. Couto atualiza esse conceito para *estudo das interações verbais que se dão nos ecossistemas linguísticos* (2009, p.12). Tem como conceito central o de ecossistema, que se compõe pelo tripé língua (L), povo (P) e território (T) e suas inter-relações e que equivale a Ecossistema Fundacional da Língua ou Comunidade.

O ecossistema da língua integra os elementos: meio ambiente social (o povo, membros organizados socialmente), o meio ambiente mental (cada membro de P tem um corpo físico que contém um cérebro e a mente, base da língua) e o meio ambiente natural (o território onde os membros dessa sociedade convivem). A dinâmica na qual se fundamenta a ecolinguística é a de que “sem as bases físicas do território, não há povo e, sem os membros de um povo convivendo, não há língua” (COUTO, 2007, p. 21).

Podemos perceber a convergência da compreensão sobre língua/linguagem da Ecolinguística com Bakhtin, partindo da concepção de linguagem como interação, como o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos, e entendendo que o movimento em que se dá a interação é o de que a palavra procede de alguém (eu/sujeito/falante/locutor) e dirige-se a alguém (interlocutor/ouvinte/outro).

A visão holística da Ecolinguística, que considera todas as partes de seu objeto relacionadas ao todo e vice-versa, tem muito em comum com a visão bakhtiniana que considera também o todo da linguagem ao determinar o enunciado concreto como a unidade real da comunicação discursiva: a língua enquanto sistema, os falantes (sujeito e o Outro), todo o contexto sócio-histórico, político, cultural, enfim, todo o extralinguístico ou translinguístico como elementos indissociáveis à compreensão e à responsividade ativa a qualquer enunciado.

O enunciado concreto é determinado totalmente pela situação social imediata e pelo meio social mais amplo, esses elementos determinantes também na visão de linguagem ecolinguística corresponderiam ao meio ambiente social e natural. Bakhtin considera também a relação tempo-espaço envolvida na produção do discurso à qual denomina cronotopia¹, enquanto o espaço é social, o tempo é histórico, é a dimensão do movimento no campo das transformações e dos acontecimentos.

Pelo viés bakhtiniano, o enunciado absolutamente neutro é impossível, “todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto.” (FARACO, 2009, p. 25).

Confirmamos em Volóchinov

As formas de interação verbal seguem as condições criadas pela estrutura social. A interação discursiva reflete de modo extremamente sensível todas as mudanças que aí ocorrem [...] As formas dos desempenhos discursivos concretos,

¹ Cronotopia – conceito dos estudos bakhtinianos que se refere ao tempo e ao espaço físico em que se dão as produções discursivas.

pertencentes à vida e à ideologia, são também determinadas em cada interação [...] (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p. 253)

Para a ecolinguística, “a língua é a rede de interações ou inter-relações que se dão no interior de um ecossistema linguístico” (COUTO, 2013, p. 290).

Considerando a visão dialógica da linguagem de Bakhtin, bem como a visão da Linguística Ecolinguística, estamos assumindo, para este estudo, que os empréstimos linguísticos são as consequências ou resultados do diálogo existente entre as diversas línguas, no contato entre os povos, e interessa-nos refletir mais estreitamente sobre como esse fenômeno ocorre no contato entre a Libras, a Língua de Sinais Francesa – LSF, e a Língua Francesa Oralizada - LFO, desvelando um possível trajeto sócio-histórico.

1.2 Metodologia

Com o objetivo de atender nossas intenções de pesquisa, propomo-nos a utilizar os princípios do método indiciário (GINZBURG, 1989), centrado no detalhe, nos resíduos tomados como pistas, e que se ancora na premissa de que, por meio das pistas, vestígios, detalhes, é possível ao pesquisador o levantamento de indícios e a formulação de hipóteses para explicar aspectos da realidade.

Segundo este paradigma de investigação das ciências humanas, o pesquisador deverá ser capaz de fazer uso de sua intuição e sensibilidade no desenvolvimento das análises dos dados; de proceder a uma análise microscópica atribuída à redução de escala na observação do objeto de desenvolver um estudo detalhado do material pesquisado.

3. O Contato de línguas e o sinal *mãe*

Para Couto (1999), *contato de línguas* é um conceito que serve à investigação linguística em uma perspectiva diacrônica, evolutiva ou genética. Alguns tipos de contatos: deslocamento de um povo (ou parte dele) e sua respectiva língua (PL1) para o Território de outro Povo e sua Língua (PL2) ou o movimento inverso. Outra possibilidade: quando o encontro de PL1 e PL2 dá-se em outro Território, de um terceiro Povo e sua Língua - PL3. E pode haver contato quando há deslocamentos temporários, membros de PL1 vão ao

território de PL2, ou vice-versa, retornando ao território próprio em pouco tempo.

Portanto, todo movimento de mudança na língua está intrinsecamente relacionado ao da comunidade discursiva que dela se serve, compreendendo todos os aspectos da vida: social, cultural, político, religioso. Aí se encontram incluídas as alterações no léxico e mesmo a necessidade da criação de novos termos técnicos, científicos, pela própria dinâmica do progresso contínuo e da vida que não cessa.

Mostraremos aqui apenas um exemplo de empréstimo que, a princípio, era usado para *mãe* e *pai*. Partiremos da forma inicial na LSF para chegarmos à forma atual na Libras. Todos os sinais da LSF neste texto foram retirados de Delaporte (2007).

O sinal de *mère* – mãe, nos séculos XVIII e XIX, era uma metáfora do parto, que servia indistintamente para *mère* ou *père* – pai: “as mãos estendidas, palmas de frente uma para a outra, deslizar a lateral interna ao longo das laterais do abdômen, aproximá-las ao nível do púbis, de forma que se toquem, em seguida, levar as mãos à frente” (figura 01). Reconhece-se este sinal, pouco modificado, no sinal de *naître* – nascer, tanto na LSF (figura 02), assim como na Libras (CAPOVILLA, 2001) (figura 03).



PÈRE 2. PÉRIOD 1856
«père, mère».

Figura 01



NAÏTRE 1. © Ivs 1986.

Figura 02



Figura 03

Didaticamente, na LSF, os professores antecediam o sinal de *mère* - mãe do sinal de *femme* – mulher. Porém, a economia da língua o reduziu a um sinal único, na LSF; hoje, o sinal de mãe e mulher é o mesmo (figura 04).



Figura 04

Em Libras, os sinais de mãe e pai, em Gama (1875), ainda trazem a forma única, que necessitava também da anteposição do sinal de homem e mulher para distinguir o gênero (figura 06). Para mãe, desde 1969, em Oates (figuras 07), e ainda atualmente, antepõe-se o sinal de mulher (VECCHIO, 2017) ao gesto de beijar a mão (figura 08).



Figura 06



Figura 07

MÃE



Figura 08

Acreditamos que o sinal de mãe, na Libras, diferenciou-se por ter influência do costume de beijar a mão, que as famílias brasileiras cultivaram até bem pouco tempo, pedindo às crianças que beijassem a mão dos pais, avós, tios, padrinhos para pedir a bênção, em sinal de respeito e obediência.

Essa diferença assumida no sinal da Libras, em relação à LSF, acreditamos, deve-se à mudança de ambiente social e natural em que os hábitos sociais foram mais importantes para a configuração do sinal designando mãe e pela mudança de fatores motivadores, deixando de dar destaque ao movimento fisiológico do parto (motivação original na LSF), para valorizar um gesto de respeito ou gratidão ou mesmo um mero hábito inerente ao relacionamento dos filhos com seus pais.

Com essas considerações, podemos afirmar, em consonância com o contato de línguas e com a visão bakhtiniana de linguagem, que a língua é viva e constitui-se socialmente num momento histórico e que as línguas de sinais, assim como as línguas oralizadas, seguem o curso da vida social; seu léxico, assim como os demais elementos, modificam-se ou permanecem inalterados atendendo a novas necessidades comunicativas e em consequência de prováveis interferências do seu contexto.

Referências

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte. **Dicionário Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**, Volume II: Sinais de M a Z. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado,

2001.

COUTO, Hildo Honório. **Contato Interlinguístico: da interação à gramática.** Disponível em <http://www.ecoling.unb.br/images/Formacao.pdf>, 1999. (acesso em: 05/10/2017)

COUTO, Hildo Honório. **Ecolinguística:** estudo das relações entre línguas e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório. **Linguística, ecologia e ecolinguística:** contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

COUTO, Elza K. N.; FERNANDES, Eliane M. F. Aquisição de língua: uma perspectiva ecolinguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 290-298, jul./set. 2013.

DELAPORTE, Yves. **Dictionnaire étymologique et historique de la langue des signes française:** origine et évolution de 1200 signes. Les Essarts-le-Roi : Éditions du Fox, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo:** as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 165 p.

GAMA, Flausino José. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos.** Rio de Janeiro: Typografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

HAUGEN, Einar. Ecologia da linguagem. In: Hildo Honório do Couto et al. (Org.). **O Paradigma Ecológico para as Ciências da Linguagem:** ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016. p. 57-76 – (Coleção Síntese; v. 2)

OATES, E. **Língua das mãos.** Adaptação e atualização de Simone Vecchio. Aparecida - SP: Editora Santuário, 2017.

VOLÓCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios.** Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 273p.